

*JOANNE HARRIS*

*O AROMA DAS ESPECIARIAS*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*ANA SALDANHA*

ASA



LUA  
NOVA





## *CAPÍTULO 1*



**A**lguém me disse uma vez que, só em França, duzentas e cinquenta mil cartas são enviadas todos os anos aos mortos.

O que ela não me disse foi que, por vezes, os mortos respondem...



## CAPÍTULO 2



*Terça-feira, 10 de agosto*

Vieio com o vento do Ramadão, não que eu o soubesse na altura, claro. Paris fica ventosa em agosto e a poeira forma pequenos dervixes que patinam pelos passeios e os raspam, deixando pequenas partículas brilhantes de areia nas pálpebras e no rosto das pessoas, enquanto o sol lança os seus raios como um olho branco e cego e ninguém sente vontade de comer. Paris está praticamente morta neste momento, excetuando os turistas e gente como nós, que não tem posses para tirar férias; e o rio cheira mal e não há sombra e uma pessoa daria tudo para poder andar descalça num campo alhures ou para poder sentar-se à sombra de uma árvore num bosque.

Roux sabe como é, claro. Não foi feito para a vida de cidade. E quando Rosette está entediada, faz asneiras; e eu faço chocolates para ninguém comprar e Anouk vai ao cibercafé na rue de la Paix para falar com os amigos no Facebook ou vai a pé até ao cemitério de Montmartre e põe-se a observar os gatos vadios que se esgueiram por entre as casas dos mortos, com o sol a desferir os seus golpes como uma guilhotina entre as faixas de sombra.

Anouk aos quinze anos. Para onde vai o tempo? Como perfume num frasco, por mais bem selado que esteja, evaporando-se tão discretamente que, quando se abre para ver, só se encontra um rasto perfumado onde em tempos houve perfume de sobra...

Como estás tu, minha pequena Anouk? O que está a passar-se no teu estranho pequeno mundo? És feliz? Estás inquieta? Contenta? Quantos mais destes dias teremos antes que abandones a minha órbita para sempre, riscando o céu como um satélite cadente e desaparecendo por entre as estrelas?

Este curso que tomam os meus pensamentos está longe de ser novo. O medo é a minha sombra desde que Anouk nasceu, mas neste verão o medo cresceu, desabrochando monstruosamente no calor. Talvez seja por causa da mãe que eu perdi – e da que encontrei há quatro anos. Ou talvez seja a recordação de Zozie de l’Alba, a rouba-corações, que quase me roubou tudo e que me mostrou como podem ser frágeis as nossas vidas; quão facilmente pode ruir o castelo de cartas ao menor sopro de vento.

Quinze anos. *Quinze*. Na idade dela, eu já tinha viajado pelo mundo. A minha mãe estava a morrer. A palavra *casa* significava qualquer lugar onde pernoitássemos. Eu nunca tinha feito uma verdadeira amizade. E o amor – bem, o amor era como os archotes a arder nas esplanadas dos cafés à noite; uma fonte de calor passageiro; um toque; um rosto vislumbrado à luz da fogueira.

Anouk, espero, será diferente. Já é bela; embora não tenha consciência de o ser. Um dia vai apaixonar-se. O que nos acontecerá então? Ainda há tempo, digo a mim própria. Até agora, o único rapaz na sua vida é o seu amigo Jean-Loup Rimbault, de quem usualmente é inseparável, mas que este mês teve de ser internado no hospital para fazer mais uma operação. Jean-Loup nasceu com um problema no coração; Anouk não fala disso, mas eu compreendo o seu medo. É como o meu; uma sombra que alastra; uma certeza de que nada perdura.

Por vezes, ela ainda fala de Lansquenet. Embora seja feliz aqui, Paris parece mais um ponto de paragem nalguma estrada ainda por



percorrer do que a casa à qual ela voltará sempre. Evidentemente, um barco-casa não é uma casa; falta-lhe a convicção da argamassa e da pedra. E Anouk, com a curiosa nostalgia que afeta os muito jovens, tem recordações cor-de-rosa da pequena *chocolaterie* em frente à igreja, com o seu toldo às riscas e a sua tabuleta pintada à mão. E fica com um olhar saudoso quando fala dos amigos que lá deixou; de Jeannot Drou e de Luc Clairmont, e de ruas onde ninguém tem medo de passear à noite, de portas da rua que nunca se fecham à chave...

Eu não devia estar tão ansiosa, bem o sei. A minha pequena Anouk é reservada, mas, ao contrário de muitos dos seus amigos, ainda gosta da companhia da sua mãe. Ainda estamos bem. Ainda nos divertimos juntas. Só nós as duas, aconchegadas na cama, com *Pantoufle*, uma mancha esfumada que vejo pelo canto do olho, e o ecrã do televisor portátil a projetar imagens místicas contra as janelas escurecidas, enquanto Rosette fica no convés com Roux, à pesca de estrelas no Sena silencioso.

Roux adaptou-se bem ao seu papel de pai. Eu realmente não o esperava. Mas Rosette – com oito anos, igualzinha a ele – parece ter despoletado em Roux algo que nem Anouk nem eu poderíamos adivinhar. De facto, há alturas em que penso que ela pertence mais a Roux do que a qualquer outra pessoa; eles têm uma linguagem secreta – de guinchos, gorjeios e assobios – através da qual comunicam durante horas e que mais ninguém partilha, nem sequer eu.

De resto, a minha pequena Rosette ainda não fala grande coisa com ninguém, preferindo a língua gestual que aprendeu em pequena e na qual é muito versada. Gosta de desenhar e de matemática; o *sudoku* na última página do *Le Monde* só lhe leva alguns minutos a fazer e consegue somar muitas parcelas de números sem nunca ter de os escrever. Tentámos mandá-la à escola uma vez, mas não resultou. As escolas aqui são demasiado grandes e demasiado impessoais para lidar com um caso especial como o de Rosette. Agora, é Roux quem a ensina; e embora o programa que segue seja pouco convencional, com a sua ênfase na arte, nos sons das aves e em jogos de números, parece torná-la feliz. Ela não tem amigos, claro – a não

ser *Bam* – e por vezes vejo-a a observar as crianças que passam a caminho da escola com um olhar de anseio curioso. Mas no geral Paris trata-nos bem, apesar de todo o seu anonimato; mesmo assim, por vezes, num dia como o de hoje, tal como Anouk, tal como Rosette, dou comigo a desejar algo mais. Mais do que um barco num rio que fede; mais do que este caldeirão de ar bafiento; mais do que esta floresta de torres e de pináculos; ou do que a cozinha minúscula onde faço os meus chocolates.

*Mais.* Oh, essa palavra. Essa palavra enganadora. Essa comedora de vidas; essa descontente. Essa gota que faz transbordar o copo, exigindo – o quê, exatamente?

Sinto-me muito feliz com a minha vida. Sou feliz com o homem que amo. Tenho duas filhas maravilhosas e um trabalho em que faço o que estava destinada a fazer. Não ganho muito, mas ajuda a pagar o ancoradouro, e Roux aceita trabalhos de construção e de carpintaria que nos mantêm aos quatro à tona. Todos os meus amigos de Montmartre estão aqui; Alice e Nico; madame Luzeron; Laurent, do pequeno café; Jean-Louis e Paupaul, os pintores. Até tenho a minha mãe perto, a mãe que julguei perdida durante tantos anos...

Que mais poderia eu querer?

Começou na cozinha no outro dia. Eu estava a fazer trufas. Neste calor, só as trufas são seguras; qualquer outra coisa corre o risco de se estragar, com a refrigeração ou com o calor que se insinua em tudo. Temperar o chocolate na tábua; aquecê-lo a baixa temperatura no fogão; adicionar especiarias, baunilha e cártamo. Esperar pelo momento certo, transmutando o simples ato de cozinhar num ato de magia doméstica.

Que mais poderia eu querer? Bem, talvez uma brisa; a brisa mais leve, não mais do que um beijo na nuca, onde o meu cabelo, apanhado num puxo despenteado, já me picava com o suor do verão...

A mais leve brisa. O quê? Que mal poderia isso fazer?

E então chamei o vento – só um pouco. Um vento quente e brincalhão, que torna os gatos excitáveis e brinca às corridinhas com as nuvens.

*V'là l'bon vent, v'lá l'joli vent,  
V'là l'bon vent, ma mie m'appelle...*

Não foi realmente muito; só aquela pequena rajada de vento e um encantamento, como um sorriso no ar, trazendo com ele uma fragrância distante de pólen e de especiarias e de pão de gengibre. Eu realmente só queria varrer as nuvens do céu de verão, trazer a fragrância de outros lugares ao meu canto do mundo.

*V'là l'bon vent, v'lá l'joli vent...*

E por toda a Rive Gauche os papéis de rebuçados voaram como borboletas e o vento brincalhão levantou as saias de uma mulher que atravessava a Pont des Arts, uma muçulmana com o véu, o *niqab*, como há tantas hoje em dia, e eu tive um vislumbre de cores por baixo do longo manto negro e, por um momento, julguei ver uma vibração no ar ardente e as sombras das árvores que adejavam ao vento rabiscavam loucos padrões abstratos na superfície da água empoeirada...

*V'là l'bon vent, v'lá l'joli vent...*

Da ponte, a mulher olhou para mim. Não consegui ver-lhe o rosto; só os olhos, debruados com um traço negro de *kohl*, sob o *niqab*. Por um momento, vi-a a olhar para mim e perguntei-me se a conheceria. Ergui a mão e acenei-lhe. Entre nós, o Sena e o aroma a chocolate que subia da janela aberta da cozinha.

*Prova-me. Saboreia-me.* Por um momento, julguei que ela ia retribuir o meu aceno. Os olhos escuros baixaram-se. Ela voltou-se. E depois desapareceu do outro lado da ponte; uma mulher sem rosto, vestida de negro, no vento do Ramadão.



## CAPÍTULO 3



*Sexta-feira, 13 de agosto*

Não é frequente receber uma carta dos mortos. Uma carta de Lansquenet-sous-Tannes, uma carta *dentro* de outra carta, de facto; entregue na nossa caixa postal (os barcos-casa não recebem correio ao domicílio, claro) e recolhido por Roux todos os dias quando vai buscar o pão.

– É só uma carta – disse-me ele, e encolheu os ombros. – Não tem de querer dizer nada.

Mas aquele vento soprava todo o dia e toda a noite e nós sempre desconfiámos do vento. Hoje soprava em rajadas instáveis, pontuando o Sena silencioso com pequenas vírgulas de turbulência. Rosette estava excitada, a praticar saltos ao longo do cais e a brincar com *Bam* junto à água. *Bam* é o amigo invisível de Rosette – embora não seja sempre invisível. Bem, pelo menos para nós. Até os clientes o veem às vezes, em dias como o de hoje, a fitá-los do lado de uma ponte ou pendurado de uma árvore pela cauda. É claro que Rosette o vê *todo* o tempo – mas Rosette é diferente.

– É só uma carta – repetiu Roux. – Porque é que não a abres e vêes?

Eu estava a moldar as últimas trufas antes de as embalar em caixas. Em circunstâncias normais já é difícil manter o chocolate à temperatura correta, mas num barco, com tão pouco espaço, é melhor limitar-me às coisas mais simples. As trufas são muito fáceis de fazer e o cacau em pó em que as envolvo impede que o chocolate se deteriore. Armazeno-as debaixo do balcão da cozinha juntamente com os tabuleiros de velhas ferramentas enferrujadas – chaves de fendas e chaves de parafusos, porcas e parafusos – e são tão parecidas com verdadeiras trufas que se juraria que são reais e não só feitas de chocolate.

– Há oito anos que deixámos aquela terra – disse eu, moldando uma trufa na palma da mão. – De quem é a carta, afinal? Não reconheço a letra.

Roux abriu o envelope. Ele faz sempre o que é mais simples. Vive no momento, a especulação não é realmente algo com que se preocupe.

– É do Luc Clairmont.

– Do pequeno Luc? – Eu recordava-me de um adolescente com pouco à-vontade; paralisado pela sua gaguez. Com um sobressalto, apercebi-me de que Luc devia ser agora um homem. Roux desdobrou o papel e leu:

*Queridas Vianne e Anouk,*

*Já passou muito tempo. Espero que esta carta chegue às vossas mãos. Como sabem, quando a minha avó morreu deixou-me tudo, incluindo a casa, o dinheiro que tinha e um envelope que só era para ser aberto quando eu fizesse vinte e um anos. Fiz anos em abril e dentro do envelope estava isto. Vem dirigido a si.*

Roux ficou em silêncio. Eu voltei-me e vi-o a estender-me um envelope – simples, branco, um pouco coçado, marcado pela passagem dos anos e pelo toque de mãos vivas no papel morto. E lá estava o meu nome escrito em tinta azul-escura pelo punho de Armande – artrítico, imperioso, laborioso...

– A Armande – disse eu.

A minha velha amiga querida. Que estranho – que triste – ter notícias tuas agora! E abrir o envelope, quebrar um lacre que o tempo tornou quebradiço, um envelope que deves ter lambido para fechar, como lambias a colher do açúcar na tua chávena de chocolate, encantada, gulosa, como uma criança. Viste sempre tão mais longe do que eu – e fizeste-me ver, quer eu quisesse quer não. Não sei se estou pronta para ver o que se encontra nesta mensagem de além-túmulo, mas sabes que, de qualquer maneira, a lerei.

*Querida Vianne (diz)*

Consigo ouvir a sua voz. Seca como pó de cacau, e doce. *Lembro-me do primeiro telefone a ser instalado em Lansquenet. Ena! Que alvoroço que causou. Toda a gente queria experimentá-lo. O bispo, que o tinha em sua casa, foi inundado com presentes e subornos. Bem, se as pessoas pensavam que era um milagre, imagina o que pensariam que isto é. Eu, a falar contigo do mundo dos mortos. E, para o caso de estares a perguntar-te, sim, há chocolate no Paraíso. Diz a monsieur le Curé que o disse eu. Vê se ele já aprendeu a aceitar uma piada.*

Parei de ler por um momento. Sentei-me num dos bancos da cozinha.

– Estás bem? – disse Roux.

Acenei que sim. Continuei a ler. *Oito anos. Muito pode acontecer, heim? As meninas pequenas começam a fazer-se crescidas. As estações mudam. As pessoas partem. O meu neto, com vinte e um anos! Uma boa idade, lembro-me disso. E tu, Vianne – partiste? Penso que sim. Ainda não estavas pronta para ficar. O que não quer dizer que não o faças algum dia – tem-se um gato dentro de casa e ele só quer voltar a ir lá para fora. Deixa-se lá fora e mia para voltar a entrar. As pessoas não são muito diferentes. Descobrirás isso se alguma vez voltares. E porque é que eu voltaria?, ouço-te perguntar. Bem, eu não digo que seja capaz de prever o futuro. Não exatamente, de qualquer forma. Mas em tempos fizeste um favor a Lansquenet, embora nem toda a gente o visse dessa forma na altura. Mesmo assim, os tempos mudam. Todos o sabemos. E uma coisa*

*é certa; mais cedo ou mais tarde, Lansquenet precisará de novo de ti. Mas não posso contar com o nosso curé para te avisar quando isso acontecer. Por conseguinte, faz-me um último favor. Volta a Lansquenet de visita. Leva as crianças. E Roux, se ainda estiver aí. Põe flores na campa de uma velha senhora. Não da loja do Narcisse, mas flores a sério, dos campos. Diz olá ao meu neto. Toma uma chávena de chocolate.*

*Oh, e mais uma coisa, Vianne. Havia um pessegueiro ao lado da minha casa. Se vieres no verão, os frutos devem estar maduros e prontos a ser colhidos. Dá alguns aos pequenitos. Detestava que ficassem todos para os pássaros. E lembra-te; tudo regressa. O rio acaba por trazer tudo de volta.*

*Com todo o meu afeto, como sempre,*

*Armande*

E agora aquele vento estava a soprar de novo. A soprar de além-túmulo, lindamente perfumado com pêssegos...

*Leva as crianças.*

Bem, porque não?

Chamemos-lhe umas férias, pensei. Uma razão para sair da cidade; para dar a Rosette um lugar onde brincar; para dar a Anouk a oportunidade de voltar a visitar velhos amigos. E sim, eu sinto saudades de Lansquenet; das casas de cor parda; das pequenas ruas que descem cambaleantes para o Tannes; das faixas estreitas de terras de cultivo que se estendem pelas colinas azuis. E de Les Marauds, onde vivia Armande; das velhas fábricas de curtumes desertas; das casas de madeira quase em ruínas, inclinando-se como bêbedos para o caminho junto ao Tannes, onde os ciganos atracavam os seus barcos e faziam fogueiras ao longo do rio...

*Volta a Lansquenet de visita. Leva as crianças.*

Que mal poderia fazer?

Eu nunca prometi nada. Eu nunca tive a intenção de mudar o vento. Mas se pudesses viajar no Tempo até ao passado e veres como costumavas ser; não tentarias, ao menos uma vez, fazer-lhe algum tipo de aviso? Não quererias endireitar as coisas? Mostrar-lhe que ela não está só?